

## **Diga-me com Quem Andas e Direi Quem tu és: as Nuances do Discurso de Bolsonaro na Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima<sup>1</sup>**

João Vitor de Souza XAVIER<sup>2</sup>

Tainá Yumi PATRIANI<sup>3</sup>

Thamara Machado PINTO<sup>4</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP  
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### **RESUMO**

Seja para demonstrar autoridade ou garantir a hegemonia de seus discursos, líderes neopopulistas de extrema-direita hoje fazem da desinformação, sua arma discursiva, disputando até mesmo, por verdades relativas a questões ambientais. A partir da Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima (2021), que serve de palco para o posicionamento de líderes globais em torno das mudanças climáticas, a participação de Jair Bolsonaro é objeto de uma Análise de Discurso (AD). Com o objetivo de identificar a audiência visada pelo presidente brasileiro, as nuances de seu discurso e o contraste com suas falas em eventos anteriores revelam uma mudança discursiva. Embora coerente com sua ideologia, tal mudança mostra-se como uma abertura para parcerias com companhias e com Joe Biden, público para o qual Bolsonaro orienta sua fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de discurso; neopopulismo; desinformação; pós-verdade; mudanças climáticas.

### **INTRODUÇÃO**

Na última década do século XX, Francis Fukuyama (1992) postulava o “fim da história” para representar o momento em que a democracia liberal no ocidente saía triunfante sobre regimes fascistas e comunistas do mundo oriental. Esta democracia simbolizava, na visão do autor, a melhor forma de governo para atender aos anseios do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Pós-graduação em Ecologia Aplicada na Universidade de São Paulo (USP) email: [joaovitor.sx@gmail.com](mailto:joaovitor.sx@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Pós-graduação em Ecologia Aplicada na Universidade de São Paulo (USP) email: [taina.patriani@gmail.com](mailto:taina.patriani@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) email: [thamara.machado29@gmail.com](mailto:thamara.machado29@gmail.com) .

---

povo, mas à essa altura, não se previa que o sistema tido como consolidado pudesse, anos mais tarde, passar por abalos estruturais.

Desde o início do século XXI os pilares iluministas do racionalismo e factualidade são sobrepujados por emoções viscerais, convicções e crenças (D'ANCONA, 2018) que, sobretudo a partir de 2016, levam à manifestação de preocupações com a possibilidade de estarmos entrando em uma era de *pós-verdade*<sup>5</sup> (SISMONDO, 2017). Nesse contexto, as chamadas *fake news* não somente passam a integrar narrativas sociais persuasivas, explorando vieses cognitivos que levam-nos a julgar informações de maneira direcionada (GELFERT, 2018), como questionam informações científicas já bem estabelecidas.

Atualmente, a existência e causas do aquecimento global são alvos de *fake news* (HONG, 2020), embora estas sejam consensuais entre especialistas (COOK et al., 2013) e justifiquem mobilizações intergovernamentais desde a segunda metade do século XX. Em 2021, dois eventos marcam a articulação global em torno do clima, sendo o primeiro deles, palco do discurso de Jair Bolsonaro analisado neste trabalho: a Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima e a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP26).

Nos tópicos que seguem, são apresentados uma contextualização de discursos de políticos neopopulistas de extrema direita no mundo contemporâneo, com foco em Jair Bolsonaro, e um panorama do cenário climático internacional. Em seguida, uma Análise de Discurso (AD; ORLANDI, 2005) do presidente brasileiro na Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima é apresentada, buscando-se a identificação da audiência a quem sua fala se destina. Por fim, são tecidas considerações a respeito do discurso de Bolsonaro no contexto político e ambiental, tendo em mente a maneira como o ato discursivo está circunscrito por uma formação ideológica particular.

## **O POPULISMO NA PÓS-VERDADE**

Para falar de pós-verdade, i.e. de um momento em que “as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos”<sup>6</sup>, é comum que pesquisadores recorram ao período de campanha eleitoral de 2016, para a presidência dos Estados Unidos, e à

---

<sup>5</sup> Eleita palavra do ano de 2016 pelo Oxford Learner's Dictionaries.

<sup>6</sup> Segundo o Oxford Learner's Dictionary. Disponível em:

<<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

figura de Donald Trump. Na era da pós-verdade, frequentemente associada à ascensão das *fake news*, atores políticos fazem da desinformação, sua arma retórica, como quando Trump se apropria de discursos sobre *fake news* como se fossem seus, e ataca mídias que contradizem sua agenda (FARKAS; SCHOU, 2018). Segundo Farkas e Schou, o ex-presidente estadunidense tornou-se “[...] uma força que está mudando as condições de democracia, verdade e política” (FARKAS; SCHOU, 2020, p.70) e personifica com suas narrativas, a atual extensão da crise das democracias ocidentais.

Diante de um contexto em que a expressão *fake news* é utilizada não somente para designar um tipo de conteúdo desinformativo, mas também como uma arma retórica, Egelhofer e Lecheler (2019) propõem duas dimensões para as *fake news*: enquanto *gênero*, que diz respeito à criação deliberada de desinformação; e como um *rótulo*, quando o termo *fake news* é instrumentalizado para deslegitimar veículos de informação que contradizem a agenda de atores políticos. Ao reconhecer a expressão *fake news* pode vir atrelada a significados divergentes, Johan Farkas e Jannick Schou (2018; 2020) emprestam a noção de *significante flutuante* de Ernesto Laclau para aplicá-la às atuais *fake news*.

Segundo Laclau (2005), as lutas por hegemonia que produzem a realidade social se refletem na existência de discursos concorrentes que empregam significantes com significados incompatíveis (i.e. significantes flutuantes). Um significante flutuante não se resume a um simples caso de polissemia, pois se dá em um momento histórico específico, quando projetos antagônicos impõem seus significados na tentativa de tornar sua perspectiva hegemônica (FARKAS; SCHOU, 2018). Assim, a expressão *fake news* seria um significante flutuante uma vez que é empregada “[...] por projetos políticos fundamentalmente diferentes e de muitas formas, profundamente opostos, como meio de construir identidades políticas, conflitos e antagonismos” (FARKAS; SCHOU, 2018, p.300, tradução nossa).

Na esteira de Donald Trump, outros atores políticos despontaram no cenário geopolítico mundial com pleitos marcados pela desinformação em massa nas mídias sociais, seguidos de resultados vitoriosos. Essa nova leva de políticos ascende por meio da exploração de emoções viscerais e vieses partidários de direita e extrema direita, configurando um novo quadro de populistas no mundo (KRÄMER, 2017; MENDONÇA; CAETANO, 2020). Estes porém, diferem de populistas da América

---

Latina do século XX, como Juan Perón e Getúlio Vargas, que possuíam uma forte ligação com a classe trabalhadora urbana e apresentavam como traços marcantes, o carisma, a retórica anti-elite, uma agenda política voltada à modernização, o nacionalismo e o antiliberalismo. O neopopulismo de hoje é, com frequência, retrógrado, reacionário, menos inclusivo, preconceituoso e invoca a recuperação de um pretérito passado glorioso corrompido por elites, mas passível de ser recuperado por meio do líder (MENDONÇA; CAETANO 2020).

Embora se situe no espectro político de direita e extrema direita, o neopopulismo pode incorporar narrativas distintas a depender da audiência que se tem em vista (KRÄMER, 2017). E para além de um projeto político, o neopopulismo apresenta um novo estilo performativo de comunicação, centrado na figura do líder, que por meio de seus discursos, demonstra sua postura antissistema, frequentemente apontada como indicativo de coragem, sinceridade, credibilidade e “abjeção à hierarquia que têm remodelado a política representativa” (MENDONÇA; CAETANO, p.3, 2020).

Um dos expoentes da ascensão global do neopopulismo de extrema direita, Jair Bolsonaro, eleito presidente do Brasil em 2018, vem seguindo a “cartilha neopopulista” ao afirmar lutar contra elites não patrióticas e inimigas da nação, e colocar-se como a figura capaz de livrar o país da corrupção e de supostos ideais comunistas. Elementos centrais de sua auto-apresentação são sua “brusquidão e incorreção política, [...] retratadas como indicadores de sua sinceridade” (MENDONÇA; CAETANO, 2020, p.10, tradução nossa), além da profusão de desinformação.

Diante de sua semelhança discursiva com Donald Trump, órgãos da imprensa internacional apelidaram Bolsonaro de “Trump dos Trópicos”<sup>7</sup>. De continência à bandeira dos EUA (MENEZES, 2019) à reprodução da ameaça do ex-presidente dos

---

<sup>7</sup> Segundo reportagem: “Bolsonaro é descrito como ‘Trump dos Trópicos’ é fervoroso admirador de Trump na imprensa internacional”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/bolsonaro-descrito-como-trump-dos-tropicos-fervoroso-admirador-de-trump-na-imprensa-internacional-23534255>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

---

EUA em romper com o Acordo de Paris<sup>8</sup>, a afinidade entre os neopopulistas tornou-se evidente entre os anos de 2018 e 2020 e tem trazido consequências ambientais.

## **AQUECIMENTO GLOBAL E SUSTENTABILIDADE**

O Acordo de Paris, do qual o Brasil é signatário, consiste no principal tratado mundial voltado para o enfrentamento do aquecimento global e estabelece que o aumento da temperatura da superfície terrestre não deve ultrapassar 1,5°C (acima dos níveis pré-industriais), considerando-se os riscos e impactos decorrentes de incrementos superiores a este número (UNFCCC, 2015). Contudo, atividades antrópicas já são responsáveis pelo aquecimento do globo em cerca de 1°C, e se as taxas atuais se mantiverem, o incremento de 1,5°C é esperado entre 2030 e 2052 (IPCC, 2018).

No Brasil, as mudanças de uso da terra, puxadas pelo desmatamento, são as principais responsáveis pelas emissões de CO<sub>2</sub> (44%; OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2020), um dos principais gases que contribuem para o efeito estufa e aquecimento da superfície terrestre (IPCC, 2018). No ano de 2020, o Brasil teve uma área de 11.088 km<sup>2</sup> de Amazônia Legal desmatada, o que vem de encontro com expectativas relacionadas a um desenvolvimento sustentável, uma vez que representa a maior taxa registrada na última década (INPE, 2021).

O desenvolvimento sustentável, embora seja uma expressão que se popularizou nas últimas décadas, somente ganhou uma definição no âmbito da ONU no ano de 1987, com a publicação do documento *Nosso Futuro Comum*. Este sugere que “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND et al., 1991, p.46). Tal definição traz consigo um ideal de desenvolvimento alinhado com o que Enrique Leff vem a chamar de desenvolvimento *sustentado*.

Segundo Leff (2001), graças à polissemia do termo *sustentabilidade* em inglês (*sustainability*), este vem sendo empregado tanto com o sentido de um desenvolvimento que visa a durabilidade do sistema econômico, como é o caso do *desenvolvimento*

---

<sup>8</sup> Segundo a reportagem: “Bolsonaro diz que pode retirar o Brasil do Acordo de Paris se eleito”.

Disponível em:

<<https://www.reuters.com/article/politica-eleicao-bolsonaro-acordoparis-idBRKCN1LJ1YT-OBRDN>>.

Acesso em: 18 jun. 2021.

---

*sustentado*; quanto para “designar um processo que implica na internalização das condições ecológicas de suporte da economia” (p.20), que seria um desenvolvimento *sustentável*, pautado em movimentos por justiça social.

Diante da discussão que se estabelece globalmente em torno da crise ambiental, os anos que seguem a publicação do Nosso Futuro Comum são marcados pela união de cinquenta companhias de gás, petróleo, carvão, automóveis e químicas para a formação da Coalizão para a Mudança Global (GCC), cujo objetivo era suscitar dúvidas, negar e ridicularizar as mudanças do clima. Esta, segundo David Noble (2009) constitui, em 1989, a primeira campanha climática corporativa da contemporaneidade, a qual viria a ser confrontada por uma segunda, pouco depois.

Na década de 90, em meio a movimentos por justiça social como o Levante Zapatista (Chiapas, México) e o firmamento do Protocolo de Kyoto – primeiro tratado internacional voltado para o controle de emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE) – a segunda campanha climática corporativa vem afirmar a necessidade de enfrentamento do aquecimento global antropogênico. Tal campanha, não obstante, surge como uma forma de obter vantagem corporativa e sugere que as soluções dos problemas climáticos sejam confiadas aos “mecanismos de mercado” (NOBLE, 2009).

Ainda segundo Noble (2009), o antagonismo que se cria com as duas campanhas e sua reverberação na esfera pública (graças ao suporte de multinacionais de relações públicas e veiculação midiática), suprime até hoje, o florescimento de quaisquer outras vias de encarar o aquecimento global que não se reduzam à negação ou estabelecimento de agendas climáticas amigáveis às corporações. Com o maior sucesso da segunda campanha sobre a primeira, cria-se uma histeria em torno do aquecimento global, contribuindo para a atual configuração de mercados de carbono.

### **BRASIL EM CHAMAS: INCÊNDIOS, BOLSONARO E BIDEN**

Desde 2019, os olhos da comunidade internacional voltam-se para o Brasil graças ao aumento dos focos de incêndio em 82% na Amazônia, em relação ao mesmo período do ano anterior (SANTOS, 2021). Em sua defesa, Bolsonaro discursou na Assembleia Geral da ONU acusando, sem provas, lideranças indígenas de serem os culpados pelo fogo: “[é] parte de sua respectiva cultura e forma de sobrevivência” (BRASIL, 2019).

Já em 2020, também na Assembleia Geral da ONU, Bolsonaro alegou, em relação aos incêndios que atingiram o bioma pantaneiro, que o Brasil possui a melhor legislação

---

ambiental do planeta e que era “vítima das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal”. O presidente utilizou a oportunidade para novamente, atacar grupos indígenas, afirmando que “os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta onde o caboclo e o índio queimam os seus roçados em busca de sua sobrevivência” (BRASIL, 2020a). Entretanto, em 2019, 42,5% dos focos de calor por manejo agropecuário ocorreram em imóveis rurais e apenas 3% em terras indígenas (ALENCAR; RODRIGUES; CASTRO, 2020).

Ainda em 2020, na ocasião de um debate eleitoral em período de campanha para a presidência dos EUA, o democrata Joseph R. Biden Jr afirmou que recrutaria a quantia de US\$20 bilhões a serem oferecidos ao Brasil para que freasse as queimadas na Amazônia, acrescentando ainda: “se não parar, vai enfrentar consequências econômicas significativas”<sup>9</sup>. Dias depois, em um evento público em Brasília, Bolsonaro ataca o democrata:

Assistimos há pouco um grande candidato à chefia de Estado [Biden] dizer que se eu não apagar o fogo da Amazônia, levanta barreiras comerciais contra o Brasil. E como é que nós podemos fazer frente a tudo isso? Apenas a diplomacia não dá, né, Ernesto [Araújo]? [...] Porque quando acabar a saliva, tem que ter pólvora<sup>10</sup>.

Diante das desavenças entre Bolsonaro e Biden, o presidente brasileiro se vê pressionado com a vitória eleitoral do novo líder estadunidense em 2021, cujas primeiras medidas contemplam a reintegração dos EUA no Acordo de Paris e a convocação da Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima (THE WHITE HOUSE, 2021a; 2021b). Assim, as questões climáticas ganham centralidade em 2021, por meio de dois grandes eventos intergovernamentais: a COP26, que tem como objetivo “acelerar a ação em direção aos objetivos do Acordo de Paris e da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima [UNFCCC]”<sup>11</sup>; e a Cúpula Mundial de Líderes pelo Clima. A Cúpula, convocada para abril por Joe Biden, foi justificada como um marco no caminho para a COP26, dada a importância de “galvanizar os esforços das principais

---

<sup>9</sup> Segundo a reportagem: “A proposta de Biden para a Amazônia e porque ela irritou Bolsonaro”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364961>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>10</sup> Segundo a reportagem: “Quando acaba a saliva tem que ter a pólvora: diz Bolsonaro para Biden sobre a Amazônia”. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-11/quando-acaba-a-saliva-tem-que-ter-polvora-diz-bolsonaro-para-biden-sobre-amazonia.html>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

<sup>11</sup> Traduzido pelos autores a partir do website oficial “UK COP26”. Disponível em: <<https://ukcop26.org/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

---

economias para enfrentar a crise climática” e “[...] a urgência – e os benefícios econômicos – de uma ação climática mais forte” (THE WHITE HOUSE, 2021b).

## **BOLSONARO NA CÚPULA DO CLIMA**

Na ocasião da Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima, realizada entre os dias 22 e 23 de abril de 2021, a participação de 40 chefes de Estado do mundo não fez do discurso de Jair Bolsonaro algo ordinário. Graças ao aumento das taxas de desmatamento na Amazônia Legal desde o início de seu mandato, o presidente brasileiro encontrava-se sob os olhos da comunidade internacional.

Apesar dos discursos anteriores e de suas diferenças com Biden, Bolsonaro enviara uma carta ao presidente dos EUA, na qual assegurou seu “engajamento na busca de compromissos e resultados ambiciosos na Cúpula de 22 de abril” (BOLSONARO, 2021, p.2), antecipando suas propostas para o enfretamento da crise climática: a eliminação do desmatamento ilegal até o ano de 2030, considerando que alcançar esta meta exigiria “recursos vultosos e políticas públicas abrangentes”; e que poderia antecipar o prazo para o alcance da neutralidade climática de 2060 para 2050, caso fosse possível “viabilizar recursos anuais significativos, que contribu[issem] nesse sentido” (BOLSONARO, 2021, p.3).

Para a análise do discurso de Bolsonaro na Cúpula do Clima, reconhece-se que todo discurso possui um caráter verbal e não-verbal, sendo este um trabalho simbólico constituído pelo efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2005). Apesar disso, a análise focalizou a linguagem verbal do discurso de Bolsonaro por considerar que a dimensão não-verbal se manteve restrita a uma leitura mecânica do texto previamente elaborado (o que, absolutamente, não se considera que seja traço sem significado). Com isso em mente, a análise foi realizada buscando-se a identificação da audiência a quem a fala de Bolsonaro se destina.

É próprio da Análise de Discurso (AD) proposta por Orlandi (2005), a identificação de *deslizamentos de sentidos*, i.e. a identificação de substituições contextuais de um significante por outro, remetendo a determinadas formações ideológicas. Nesse sentido, embora não se tenha em mente a condução de uma análise da facticidade dos enunciados do texto de Bolsonaro, é parte da proposta pontuar quando, em sua articulação de significantes, são identificados deslizamentos de sentidos e informações que contradizem o discurso científico.



---

Para a condução da análise, o texto de Bolsonaro foi transcrito na íntegra e o corpus, dividido em cinco categorias, segundo as principais qualidades semânticas verificadas: (1) exaltação do governo e figura do Bolsonaro; (2) (ir)responsabilidade ambiental do Brasil; (3) tentativas de consonância e cooperação internacional; (4) desenvolvimento econômico na Amazônia; e (5) capitalização de serviços ecossistêmicos. Os limites entre tais categorias não são nítidos no texto e aparecem inter-relacionados também na análise.

Manifestando-se desde o início de seu discurso, a exaltação da figura de Jair Bolsonaro, característica de neopopulistas (MENDONÇA; CAETANO, 2020), se fez presente em declarações de compromissos do Brasil no enfrentamento do aquecimento global antropogênico. Estas, estiveram sempre conectadas a frases de apelo de um pretense histórico glorioso do país no que diz respeito a questões ambientais ou à reafirmação da consonância entre as agendas ambientais de Bolsonaro e Biden. Tais associações entre a figura do líder Bolsonaro e um cenário climático brasileiro próspero são vistas como um artifício que não somente o enaltece, como ofusca dois anos de mandato marcados pelo descaso ambiental.

Em meio a níveis recordes de desmatamento na Amazônia Legal desde 2009 (INPE, 2021), o orçamento destinado para o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e entidades vinculadas chegou, em 2021, ao menor valor das últimas duas décadas (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2021). Ademais, as ações ambientais adotadas no âmbito do governo federal nos últimos anos passaram pela flexibilização do controle da exportação de madeira ilegal; tentativa de desmonte do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); e o restabelecimento do Conselho Nacional da Amazônia Legal por meio do Decreto 10239/2020 (BRASIL, 2020b; OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2021). Este decreto retira o Conselho do MMA e transfere-o para o vice-presidente da república (Hamilton Mourão). O novo Conselho é composto por 19 militares e nenhum representante da academia, governos estaduais, setor privado, sociedade civil, Funai (Fundação Nacional do Índio), povos indígenas, Instituto Chico Mendes ou Ibama (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2021, p.6).

O enfraquecimento do MMA e suas autarquias por meio da extinção de setores e cargos de direção dos órgãos ou ainda, substituição de servidores de carreira por militares, demonstram a intencionalidade de desmonte da área ambiental na gestão

---

Bolsonaro (ASCEMA, 2020), o que não é mencionado na ocasião da Cúpula do Clima. Ao invés disso, o presidente pontua que seu governo está tomando “medidas de comando e controle” (BRASIL, 2021), e coloca-se como responsável pelo “fortalecimento dos órgãos ambientais” (BRASIL, 2021). Com isso, Bolsonaro desliza da importância de medidas de comando e controle para o fortalecimento de órgãos ambientais. Todavia, o que se vê fortalecido é o Conselho Nacional da Amazônia Legal, presidido e integrado por aliados do presidente.

Outras tentativas de salientar esforços do Brasil no enfrentamento do aquecimento global foram empreendidas. Ao apresentar a queima de combustíveis fósseis como a principal causa das mudanças climáticas e a matriz energética brasileira como uma das mais limpas, Bolsonaro se omite quanto à principal causa de emissões de CO<sub>2</sub> no Brasil: as mudanças do uso da terra e, em especial, o desmatamento (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2020). O desmatamento é mencionado em momento único, quando o presidente afirma que irá “eliminar o desmatamento ilegal até 2030” (BRASIL, 2021), frase imediatamente relacionada à exaltação da figura de Bolsonaro enquanto responsável pela determinação da neutralidade climática do Brasil até 2050. Este aceno à agenda ambiental de Joe Biden segue o enunciado “coincidimos, senhor Presidente, com o seu chamado ao estabelecimento de compromissos ambiciosos” (BRASIL, 2021), evidenciando-se como uma tentativa de ressaltar a consonância entre os líderes, embora suas políticas viessem demonstrando o contrário.

No que diz respeito ao setor agropecuário, o presidente sustenta: “No campo, promovemos uma Revolução Verde a partir da ciência e inovação. Produzimos mais utilizando menos recursos, o que faz da nossa agricultura uma das mais sustentáveis do planeta” (BRASIL, 2021). Entretanto, a agropecuária é a segunda principal causa das emissões de CO<sub>2</sub> no Brasil (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2020). Já a menção à Revolução Verde é interpretada como uma tentativa de torná-la, por meio do discurso, um ponto de referência no pretense histórico de conquistas ambientais brasileiras. Assim, o trecho foi identificado como um dos indicativos de seu alinhamento com o desenvolvimento sustentado mencionado por Enrique Leff (2001). A Revolução Verde foi marcada pelo intenso uso de sementes geneticamente modificadas, de produtos químicos e mecanização da produção agrícola no Brasil (ALMEIDA JÚNIOR et al., 2011), atividades cujas potenciais consequências ambientais são incompatíveis com um

---

ideal de desenvolvimento sustentável (LEFF, 2001). Ademais, a formação discursiva da qual Bolsonaro empresta o significado de “sustentabilidade” fica pouco depois, evidente, ao aludir ao *Nosso Futuro Comum*.

Embora reconhecido que diferentes significados podem estar associados à “sustentabilidade”, o conceito de significante flutuante de Laclau (2005) permite-nos repensá-la enquanto um simples caso de polissemia, como sugerido por Leff (2001). Dada a disputa entre discursos antagônicos relativos ao desenvolvimento sustentável na contemporaneidade, a identificação do que se compreende por “sustentabilidade” em um discurso exige que recorramos à sua dimensão política. Sendo este um traço característico de significantes flutuantes (LACLAU, 2005), a exemplo das “*fake news*” (FARKAS; SCHOU, 2018), o significado de “sustentabilidade” em um discurso revela uma das perspectivas que disputam pela fixação do que este significante representa. E no caso do discurso de Bolsonaro na Cúpula, trata-se de um significado que remete a um desenvolvimento que visa a manutenção da economia, colocando-o ao lado de Joe Biden na luta pela hegemonia do discurso climático. Isso implica na rejeição de Bolsonaro ante à primeira campanha climática corporativa de Noble (2009), bem como no desalinhamento com o posicionamento de Donald Trump face às questões do clima.

É na esteira do desenvolvimento sustentado que Bolsonaro pauta a atribuição de valor monetário e comercialização do serviço ecossistêmico de sequestro de carbono e afirma ser “preciso haver justa remuneração pelos serviços ambientais prestados por nossos biomas” (BRASIL, 2021). Trata-se de um excerto que ilustra um dos repetidos apelos de Bolsonaro por auxílios externos. Identifica-se que tais tentativas estiveram, ao longo de seu discurso, associadas a diferentes justificativas: a existência de dificuldades orçamentárias por parte do governo federal brasileiro; a importância da cooperação internacional; o reconhecimento de serviços ecossistêmicos prestados pelo Brasil e seu caráter econômico; a contribuição menos significativa do Brasil na emissão de GEE quando comparada com outras “grandes economias do mundo”, segundo o presidente (BRASIL, 2021); e ainda, a urgência do desenvolvimento da região amazônica, com menção explícita a indígenas e comunidades tradicionais. Não há, contudo, qualquer menção aos direitos e identidades de tais comunidades como elementos a serem considerados nesse processo de desenvolvimento.

---

Diante dos pedidos por recursos financeiros à comunidade internacional, nota-se que Bolsonaro leva a cabo a proposta de capitalização de serviços ecossistêmicos como uma solução à crise do clima, deixando claro, inclusive, que são bem-vindas contribuições não somente de países, mas também de empresas. Assim, fica reforçado o comprometimento de Bolsonaro com o desenvolvimento sustentado (LEFF, 2001) e a segunda campanha corporativa sobre o clima (NOBLE, 2009).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com as pressões externas que se colocam sobre Bolsonaro após a reincidência de políticas contrárias a qualquer agenda ambiental, há uma mudança discursiva do presidente em comparação aos dois anos que antecedem a Cúpula do Clima. Durante o governo Trump, Bolsonaro adotara um discurso de negação ao enfrentamento de problemas ambientais e climáticos, mas com a posse de Joe Biden, que desde o primeiro dia de seu mandato trava uma luta para assumir a liderança econômica pelo clima, Bolsonaro se vê compelido a rearticular suas relações diplomáticas com os EUA, começando por uma das principais pautas do novo governo estadunidense: o clima.

Enquanto um estilo performativo de comunicação centralizado na figura do líder, o neopopulismo de Bolsonaro em eventos intergovernamentais sobre o clima está presente em discursos anteriores, mas também durante a Cúpula do Clima. Na ocasião, apesar da obliteração de sua brusquidão e incorreção política, não se considera que haja uma mudança ideológica do presidente brasileiro quando este entra em contradição com discursos anteriores. Na realidade, a contradição entre discursos e ambiguidade de políticas é traço neopopulista e evidencia a sujeição de sua narrativa à audiência que se tem em vista. Dessa forma, a principal mudança que se nota em Bolsonaro na Cúpula do Clima, é seu esforço em incorporar em seu discurso, significados agradáveis aos olhos de Biden.

Nesse aceno à agenda do presidente estadunidense, o discurso de Bolsonaro deixa claro o interesse em parcerias com seu público, isto é, com empresas e Joe Biden. Embora exista a possibilidade de novas contradições de Bolsonaro, seu posicionamento ante às questões do clima deverá se ver repetido na COP26, em novembro de 2021, bem como em outras ocasiões durante seu mandato, na expectativa de que o apoio concedido a Biden faça deste, um líder compassivo com a economia brasileira.

---

Por fim, considera-se que os discursos de atores políticos sobre o ambiente e clima encontram-se hoje, no campo de disputa pela hegemonia de suas verdades e quase nunca se baseiam em projetos calcados na justiça social. Assim, mostra-se necessário o rompimento das fronteiras acadêmicas para a construção conjunta de conhecimentos teóricos e práticos entre pesquisadores e grupos historicamente subjugados. O desenvolvimento, de fato, sustentável é socialmente justo e deve reconhecer a multiplicidade de identidades e vozes de uma sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Ane; RODRIGUES, Lucas; CASTRO, Isabel. Amazônia em chamas: o que queima–e onde. Nota Técnica, IPAM, v. 5, p. 1-14, 2020.

ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Ribeiro et al. Interação interdisciplinar: a experiência da Pós-Graduação em Ecologia Aplicada da USP. In: PHILIPPI JR, Arlindo; NETO, Antônio J. Silva (Eds.). Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação. Barueri: Manole, 2011. Cap. 9

ASCEMA. Cronologia de um desastre anunciado: Ações do governo Bolsonaro para desmontar as Políticas de Meio Ambiente no Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.biodiversidadla.org/Documentos/Cronologia-de-um-desastre-anunciado-acoes-do-Governo-Bolsonaro-para-desmontar-as-politicas-de-Meio-Ambiente-no-Brasil>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BOLSONARO, Jair. Carta de Jair Bolsonaro a Joseph R. Biden Jr. a respeito da Cúpula Mundial dos Líderes pelo Clima. Brasília, 2021. Carta. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2021/04/brasil-reafirma-com-promisso-com-meio-ambiente-em-carta-enviada-aos-eua>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

BRASIL. Decreto Nº 10.239, de 11 de Fevereiro de 2020. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 fev. 2020b, Seção 1, p.9.

BRASIL. Presidente (2019 – 2023: Jair Bolsonaro). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 74ª Assembleia Geral da ONU. New York, 24 set. 2019.

BRASIL. Presidente (2019 – 2023: Jair Bolsonaro). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Brasília/DF, 22 set. 2020a.

BRASIL. Presidente (2019 – 2023: Jair Bolsonaro). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cúpula de Líderes sobre o Clima. Brasília/DF, 22 abr. 2021.

BRUNDTLAND, Gro Harlem et al. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, 1991.

COOK, John et al. Quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature. *Environmental research letters*, v. 8, n. 2, 2013.

D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

EGELHOFFER, Jana Laura; LECHERER, Sophie. Fake news as a two-dimensional phenomenon: a framework and research agenda. *Annals of the International Communication Association*, v. 43, n. 2, p. 97-116, 2019.

FARKAS, Johan; SCHOU, Jannick. Fake news as a floating signifier: Hegemony, antagonism and the politics of falsehood. *Javnost-The Public*, v. 25, n. 3, p. 298-314, 2018.

FARKAS, Johan; SCHOU, Jannick. *Post-truth, fake news and democracy: Mapping the politics of falsehood*. New York: Routledge, 2020.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GELFERT, Axel. Fake news: A definition. *Informal Logic*, v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.

HONG, Seong Choul. Presumed Effects of “Fake News” on the Global Warming Discussion in a Cross-Cultural Context. *Sustainability*, v. 12, n. 5, p. 2123, 2020.

IPCC. Summary for Policymakers. In: *Global Warming of 1.5°C*, 2018. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/sr15/chapter/spm/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

INPE. PRODES Amazônia. Disponível em: <<http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

KRÄMER, Benjamin. Populist online practices: the function of the Internet in right-wing populism. *Information, Communication & Society*, v. 20, n. 9, p. 1293-1309, 2017.

LACLAU, Ernesto. *On populist reason*. Verso, 2005.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MENDONÇA, R. & CAETANO, R. Populism as Parody: The Visual Self-Presentation of Jair Bolsonaro on Instagram. *International Journal of Press/Politics*, p.1-26, 2020.

MENEZES, Roberto Goulart. Governo Bolsonaro: a busca de “relações carnavais” com os Estados Unidos de Trump?. 5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2019.

NOBLE, David. O golpe climático corporativo. In: ALMEIDA Jr., Antônio; ANDRADE, Thales. *Mídia e Ambiente: estudos e ensaios*. São Paulo: Hucitec, 2009.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. SEEG - Análise das emissões brasileiras de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas do clima 1970-2019, 2020. Disponível em: <<http://seeg.eco.br/documentos-analiticos>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Passando a Boiada, 2021. Disponível em: <<https://www.oc.eco.br/passando-boiada-o-segundo-ano-de-desmonte-ambiental-sob-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

SANTOS, Ester Deise. *A Descredibilização do Governo Brasileiro na capacidade de gestão da Crise Climática no Território*, 2021.

SISMONDO, Sergio. Post-truth? *Social Studies of Science*, v. 47, n. 1, p. 3-6, 2017.

THE WHITE HOUSE. Statements and Releases. Paris Climate Agreement, 2021a. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/01/20/paris-climate-agreement/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

THE WHITE HOUSE. Statements and Releases. President Biden Invites 40 World Leaders to Leaders Summit on Climate, 2021b. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/03/26/president-biden-invites-40-world-leaders-to-leaders-summit-on-climate/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

UNFCCC. The Paris Agreement, 2015. Disponível em: <<https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement>>. Acesso em: 9 jun. 2021.